



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palma; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Joaquim Lima;—*Congresso litterario de Genebra em 1886*, por Pinheiro Chagas;—*A mulher no seculo XVIII*, por Edmundo e Julio de Goncourt;—*No Alentejo*, (continuação), por Lorjô Tavares;—*Mim-Mim*, versos, por B. C.;—*O pequeno mendigo*, conto, por Octave Mirbeau;—*As nossas gravuras*;—*Os excentricos do meu tempo*, (continuação), por L. A. Palmeirim;—*A noite d'aldeia*, versos, por Maria do Val;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*Os orphãos*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*O general Pittié*;—*Incendio do Cospatrick*;—*Duque d'Annale*;—*Uma sala do palacio do Terem em Moscou*;—*O jejuador Merlati*.

CHRONICA

Bem dizia a folhinha que era em dezembro o começar do inverno.

Eil-o realmente comnosco, tão carancudo, tão feio, que não é facil agora confundil-o com as primeiras bategas do outomno, pequenas lagrimas volateis que a natureza derramava em face das florinhas cujas corollas a brisa desfizera, prenuncios fugitivos das tempestades vindouras, ao tempo das quaes as delicadas pombas, que então pairavam sobre Setiaes, deviam ter-se refugiado junto das sete collinas, onde o theatro lyrico lhes preparava os ninhos fofos da primeira ordem.

Felizes que vós sois, ó avesinhas patricias! Emquanto agora, deliciosa-



O GENERAL PITTIE

mente envoltas em capas elegantes, a cada passo vos encontro ahí pela cidade, enquanto, na penumbra vaga das carruagens que ao cahir da tarde fazem a trote a Avenida, o vosso olhar se me depara, nem sempre extremamente meigo... eu vos affirmo, ó deusas, que mais de uma vez o pensamento me foge para longe, para as campinas desoladas, lá para onde as vossas pobres irmãs, filhas dilectas do bosque, as verdadeiras pombas, arrulham, ainda apaixonadas, ao abrigo de qualquer palacio em ruínas, de sobre as quaes a neve se accumula, mas sob as quaes o amor revive sempre.

E como além é triste esta invernia que, na cidade, quem sabe? vos encanta!

Profundamente triste, mas profundamente poetico. Vive-se além como que junto do infinito. A alma difunde-se no espaço, e comprehende as magoas da natureza. Fóra de portas, invade-nos a melancholia dos campos, mas o coração faz-se camponio, e é livre como tal, e como tal é feliz. Longe da cidade, vive-se no inverno deliciosamente. Durante vinte e quatro horas, bem entendido. Depois, o pensamento arrefece, e é necessario reconduzil-o para Lisboa, n'uma carruagem confortavel, com todos os cuidados, mas sem presuntos nem chouriços, que o arriscariam muito, o pensamento, a passar uma noite na policia, como qualquer salsicheiro. Ainda ha pouco se deu isso, e mais foi com duas senhoras em toda a extensão da palavra contrabando.

E porque fallámos do inverno, vem a proposito notar que este que atravessamos não é precisamente a imagem de seus finados irmãos.

Este annuncia-se por cyclones, cuja cauda gigantesca vem agitar-se sobre Lisboa n'uma nortada positivamente polar, á acção da qual seria razoavel oppôr uma pelle custosa, a pelle do proprio imperador das Russias. Não ha memoria de ter cahido sobre nós um frio mais intenso, mais escandaloso. Confesso, mesmo, leitora, que ao encetar comsigo as relações que nos prendem, não tinha prevenido a hypothese de que chegasse um dia em que eu houvesse de encontral-a com o nariz tão vermelho.

Que incomportavel temperatura! Lembro-me bem d'aquella chuva meudinha mas tenaz, que durante quarenta e oito horas nos fustigou sem piedade. Nem mais nem menos, pequenissimas gottas de neve liquifeita por qualquer capricho meteorologico, mas fria, fria, como a neve menos caprichosa.

E, se não gelámos absolutamente, graças devemos render á providencia do theatro normal, que ao mesmo tempo trazia em scena um drama commovente, um verdadeiro drama, repleto d'impressões capazes de aquecer um morto, e de fazer chorar as pedras. Eu digo-lhe isto, leitora, porque, realmente, na *Martyr*, vi uma pedra chorando...

Apesar de tudo, ainda bem que a peça não é de origem portugueza. Isso evitou que lhe chamassem um grande numero de nomes feios, com o que, seja dita a verdade, talvez lhe não fariam um favor por ahí além, se abstrairmos do comportamento da protagonista, cujas virtudes mal cabem n'aquelles estreitos cinco actos.

E' o defeito de trazer para o theatro enredos que nasceram para o romance. Não desce o panno que se não passem tres mezes; enquanto a orchestra executa cá fóra um pequenino trecho, estão-se passando lá dentro coisas extraordinarias: começa o acto e apanha a gente, de chofre, uma catadupa de acontecimentos capazes de entontecer um capitão de navios.

A *Martyr* porem teve um successo. O publico conhecia-a de a ter lido; não admira portanto que acreditasse ao vê-la. Sómente a verdade pura é que é muito mal empregado aquelle magnifico desempenho, em que Brazão toma parte morrendo primorosamente, muito antes

da platêa se inteirar do pequenissimo papel que elle recita em segredo. Eu sei de uma pessoa que não ouviu mesmo nada. Fui eu.

Não vá agora suppor-se que estou aqui arrogando-me o papel de critico. Deus me livre. Veio tudo a proposito do frio, contra o qual muito valeram as commoções da *Martyr*.

Eu ia a dizer mal do inverno. Ia pensar na desastrosa celebridade que elle attingiu este anno, por diversos casos, entre os quaes não seria ocioso discutir a morte d'esse pobre homem que, depois de uma existencia atribulada, foi recolher-se doente no hospital, onde, segundo ouvi, n'um rasgo de excessiva caridade, lhe deram laudano de mais.

Não porque eu vá chorar o passamento d'esse homem. Elle era um desgraçado, como tantos cuja estrellita ingrata, no decorrer de uma vida quasi sempre longa, só uma vez fulgura piedosamente, só uma vez, no instante em que se apaga!

O *Zé Povinho*, como lhe chamavam, contou-me um dia a sua historia. Estava então, como sempre, embriagado, mas é notavel que a sua historia era sempre a mesma, como era sempre igual a tella d'aquelle escuro passado, fosse qual fosse o estado d'aquelle pobre espirito, que vacillava indeciso entre a razão e a loucura.

Era simples: O *Zé Povinho* casára, e vivia com a mulher na terra onde ambos tinham nascido. Um dia, entrando em casa, presentiu-se atraído, e ao cabo de uma busca minuciosa ponde encontrar o amante escondido n'um palheiro. Prostrou-o com uma paulada e fugiu para Lisboa. Pouco depois morria o outro, e o *Zé Povinho* encetava corajosamente a sua carreira de ebrio, no meio da qual teve novas relações, em que não foi mais feliz, mas que se extinguiram menos desastrosamente que as primeiras.

Uma coisa, enquanto a mim, demonstrava que n'aquelle homem não havia simplesmente um bebado: elle odiava a mulher, tenazmente, implacavelmente, no derradeiro assomo de um coração e de um caracter que o alcool havia já dissolvido, e que o laudano emfim precipitou. Recolham, se é possivel, o residuo; lavem, calcinem, pesem, e hão de encontrar alguma coisa que, n'uma balança fiel, só poderia ser equilibrada por muito amor e por muita desgraça.

E finalmente, ia fechar a chronica sem reparar que me refiro á semana em que toda a christandade festeja o nascimento do Christo, o phylosopho, segundo alguns, o Redemptor segundo o maior numero, o martyr, segundo todos.

Ia esquecer-me o dia que abrange n'um sentimento igual maior porção d'este globo tão dividido pelo orgulho e pela miseria; ia esquecer-me Deus!

E se assim fosse? Se entre o espantoso numero de naufragos que a poucos metros de nós desapareceram para sempre no seio tumido das aguas, se houvesse entre elles alguém que me fosse intimamente caro, se além tivesse perecido algum dos meus affectos, alguma das minhas esperanças, alguma das minhas illusões, se aquella estranha fatalidade que a omnipotencia divina podia têr vencido, que a simples providencia humana podia têr evitado, se a temerosa hecatombe me tivesse posto em luto, precisamente no dia em que, Senhor, a minha fé christã devia volitar alegre em torno ao berço do Messias, saudando o teu Natal glorioso?

Se eu fosse dos que n'este instante choram, e se, em meio da minha dôr extraordinaria, esquecesse Christo para não ter que duvidar de Deus, ou esquecesse Deus para não ter que duvidar de Christo?

Eis aqui uma pergunta. Que lhe responda quem sabe—Ou Christo ou Deus!

JOAQUIM LIMA.

CONGRESSO LITTERARIO DE GENEVRA EM 1886

Aquelle congresso internacional litterario, que se reuniu em Lisboa em 1880, tem continuado a celebrar todos os annos as suas sessões, ora n'uma, ora n'outra capital, e já tem conseguido bastante com a sua propaganda, porque a 9 de setembro do corrente anno de 1886 foi assignada em Berne entre a Allemanha, a Belgica, a Hespanha, a França, a Inglaterra, a Itália, a Suissa, a Tunisia, a Liberia, e o Haiti uma convenção pela qual todos estes paizes se constituíram em estado de união para a protecção dos direitos de author sobre as suas obras litterarias e artisticas. Formou-se por conseguinte uma União Litteraria em Berne, do mesmo modo que alli já se formara uma União Postal.

Foi esta uma grande conquista sem duvida alguma, e o congresso litterario estava com isso verdadeiramente orgulhoso.

A 18 de setembro de 1886 inaugurou-se pois o congresso debaixo d'estes optimos auspicios tomando a presidencia o sr. Numa Droz, vice-presidente da confederação suissa (e hoje seu presidente), que tomando a palavra para saudar os membros do congresso, lhes annunciava n'estes termos a victoria obtida:

«Ha tres annos os delegados da nossa Associação, reunidos em Berne para estudar a importante, mas difficil questão da protecção internacional do direito de author, pediram ao Conselho Federal que tomasse debaixo da sua protecção a sua causa. Aceitámos essa honrosa missão; empregámos para a desempenhar a maior diligencia e todos os nossos desvelos, e hoje tenho a satisfação de lhes dizer que teve exito feliz, e que a sua causa está agora ganha.

A convenção internacional, assignada em Berne no dia 9 d'este mez é resultado de laboriosas discussões. Se aqui lembro que não foi concluida sem difficuldades é para que, examinando a nos seus promenores, se colloquem no verdadeiro ponto de vista para a apreciar.

«O programma dos vossos delegados em Berne era muito breve; limitava-se essencialmente a pedir a reciprocidade na base do tratamento nacional, a assignação completa do direito de traducção ao direito de reproducção, e o considerar-se a adaptação como uma contrafacção.

A conferencia diplomatica de 1884 não tardou a reconhecer que esse programma devia ser desenvolvido em muitos pontos e restringido n'outros. Destinada a vir a ser o codigo internacional da propriedade litteraria e artistica, a convenção a concluir devia tanto quanto possivel encerrar todos os principios que regem o assumpto. Mas por outro lado devia attender tambem ás resistencias que essa unificação demasiadamente completa, e demasiadamente ideal, não deixaria de encontrar na maior parte dos Estados.

Realisar o maior progresso possivel reunindo a adhesão dos Estados mais importantes debaixo do ponto de vista da cultura litteraria e artistica, tal era o problema a resolver. Tarefa ardua que exigia da parte dos plenipotenciarios esforços perseverantes e o mais sincero desejo de accordo!»

Devemos dizer que a idéa principal consignada n'esta convenção é a de que os escriptores pertencentes a qualquer dos paizes da União Litteraria gosem nos outros paizes da União dos mesmos direitos que os anthores nacionaes d'esses paizes, sujeitando-se ás prescripções a que estes tambem se sujeitam. O direito de traducção cõe no dominio publico, só dez annos depois da publicação da obra original.

Esta convenção é hoje lei nos paizes que a assignaram.

Luiz Ulbach respondeu a Numa Droz em magnificas palavras. Como já tivemos aqui ensejo de o dizer, Luiz Ulbach é um excellente orador para esta especie de discursos.

«Os paizes, meus senhores, disse elle, têm como os homens o reflexo do seu character na sua physionomia, e, n'esta bella natureza que é a bella physionomia do vosso espirito, os exitados de todos os tempos, assim como os viajantes de todos os paizes, têm lido sempre o acolhimento de uma hospitalidade cordial.

«Devíamos a este bello paiz, concluiu elle, uma homenagem particular, um estudo especial. Não podemos esquecer que a litteratura moderna bebeu aqui o sentimento verdadeiramente humano, com o sentimento da natureza que a mistura mais intimamente com a sciencia e com a poesia, quer dizer com o progresso.

Desde Rousseau, o homem, mesmo quando se isola, já não está só entre a terra que o commove e o ceu que o tenta. E' o heróe que falla no meio da natureza viva e silenciosa.

E' assim, meus senhores, que o nosso reconhecimento se multiplica para com a Suissa pela inspiração que deu ás artes e á litteratura, pelo direito de propriedade que assegura aos escriptores e aos artistas.

Dizia eu que os sedentos de genio tinham vindo beber na taça dos vossos lagos, para n'ella retemperarem as suas forças.

Vimos aqui beber a confiança no movimento das idéas, na vida. A liberdade do pensamento filtrou dos vossos pinheiros, a convenção de Berne é como esse bello lago que se concentra n'uma extensão larga e limpida para se escapar depois para o mundo em rio irresistivel.

A historia, sr. Droz, que inscreverá o seu nome entre os

mais illustres cidadãos da Suissa, graval-o-ha juntamente com o da Suissa entre os grandes reformadores e os grandes pacificadores.»

Discutio-se depois muito a questão das cartas: se pertencem a quem as escreveu ou a quem as recebe. Tratou-se essa questão só debaixo do ponto de vista da propriedade litteraria. O sr. Bœtzmann citou a lei portugueza, que diz o seguinte no seu artigo 27 § 1.º: «A publicação de uma carta particular sem authorisação do destinatario não constitue propriedade litteraria.»

Este principio foi combatido, e negado, sustentou-se o seguinte: a carta pertence materialmente, como *autographo*, á pessoa que a recebe; mas, como expressão do pensamento, pertence áquelle que teve esse pensamento, e constitue uma propriedade litteraria como qualquer outra. O sr. Ocampo lembrou que, se elle escrevesse a um amigo uma serie de cartas descrevendo-lhe a sua viagem á Suissa, era evidente que tinha direito depois de as publicar em volume, quer o amigo quizesse, quer não.

O principio por conseguinte contrario á estipulação da lei portugueza citada pelo sr. Bœtzmann, foi o que prevaleceu.

Em seguida discutiram-se muito as relações entre os authores e os editores.

Estabeleceu-se o principio de que o author não tem só o direito de reclamar do editor a paga do seu trabalho, mas tambem o de o obrigar a publicar o.

Ulbach citou alguns factos curiosos. Contou que n'uma obra que vendera ao editor Charpentier pozera um prefacio explicando que a demora na publicação d'esse livro fóra da culpa do editor, Charpentier não gostou, e escreveu elle mesmo um segundo prefacio em que respondia ao de Ulbach. Este recorreu aos tribunaes, que obrigaram Charpentier a tirar o seu prefacio. Charpentier obedeceu, mas declarou que não havia lei no mundo que o obrigasse a vender a obra de Luiz Ulbach.

Effectivamente isto é absurdo. O editor não fica livre de todas as obrigações desde o momento que paga ao author o seu manuscrito. D'esta forma um editor pouco consciencioso podia servir os interesses de todos aquelles que fossem atacados n'um pamphleto politico, de todos os que não quizessem emfim, por motivos politicos ou particulares, que uma certa obra apparecesse.

Já não estamos igualmente de accordo no principio da publicidade das cartas, sem authorisação dos destinatarios. O destinatario pode tolerar em cartas particulares que o signatario d'ellas o trate com uma familiaridade que não tolerará igualmente em publico, pode em cartas particulares authorisar allusões ou revelações que não queira, e com todo o direito, ver publicadas, pode resignar-se mesmo a receber cartas de um sujeito, cuja amizade e cujo trato lhe não agradem, a quem não responda, e cujas cartas se limite a receber porque o correio lh'as leva á porta, mas tem o direito de não consentir que o seu correspondente alardeie em publico uma amizade que não existe.

Outro ponto que se discutio foi o seguinte, apresentado pela commissão debaixo da seguinte forma: «Salvo estipulação em contrario, o author que cedeu a sua obra e entregou o seu manuscrito nem se pode oppôr á publicação, nem impôr ao editor mudanças que este não approve.»

Este principio, votado em absoluto tirava ao auctor o direito de fazer nas provas correcções ao seu manuscrito. Nun:a mais o nosso grande escriptor, e meu presadissimo amigo, Eça de Queiroz, podia vender um romance a um editor.

Houve logo protestos: Julio Oppert declarou que se não podia tirar a um homem de sciencia, por exemplo, o direito de modificar a sua obra, quando a cada instante pode vir uma descoberta nova alterar as suas conclusões e modificar muitas das suas apreciações. Litterariamente mesmo lembrou que Ernesto Renan, por exemplo, ainda faz alterações nas setimas provas.

Por outro lado tambem é incontestavel que o editor que fez os seus calculos financeiros contando com umas certas despesas de composição, e que n'essa supposição lavrou o seu contracto, póde achar-se de subito com as suas despesas de composição duplicadas.

Para se attender a isso, a resolução que o Congresso votou foi a seguinte:

«Salvo estipulação em contrario, o auctor que cedeu a sua obra e entregou o seu manuscrito nem póde oppôr-se á publicação, nem impôr ao editor mudanças, que prejudiquem os seus interesses commerciaes.

Ficou bastante vago, e, se esta resolução do Congresso tivesse já de inserir-se nas legislações internacionaes, daria logar a inumeros conflictos.

Foram estas as principaes resoluções do Congresso, cujos membros aliás se divertiam immenso, fazendo excursões a Mornay, a Geion e a Ferney, assistindo a concertos na sala do Kursaal e nos baluartes, visitando o museu Revilliod em Varambé, etc., etc.

Estipulou-se que ne proximo anno de 1887 o congresso se reuniria em Florença.

Na ultima sessão, que foi no dia 24 de setembro, o sr. Luiz Ulrich resumiu os trabalhos da sessão annual do Congresso, e prestou homenagem aos socios fallecidos. Com triste surpresa vi-

mos que Portugal tivera o doloroso exclusivo d'essas honras funebres. O extracto da sessão diz effectivamente que o sr. Ulbach «dá uma lembrança aos mortos illustres que deixaram grandes vacuos na nossa Associação, ao rei Fernando de Portugal, ao sr. Mendes Leal, ministro de Portugal em Paris, e depois em Madrid, cuja generosidade estava sempre á altura do seu espirito.»

E' verdade que o Congresso não está muito ao facto do movimento dos seus socios. Nomeando para membros da sua comissão executiva, em Portugal, Pinheiro Chagas e os srs. Eduardo Coelho, Fonseca Benevides e Joaquim de Vasconcellos, acrescentou-lhes o nome de Silva Tullio, que infelizmente ha perto de tres annos não faz parte do numero dos vivos.

PINHEIRO CHAGAS.

A MULHER NO SECULO XVIII

Até á morte de Luiz XIV, a França parece empenhada em divinizar o amor, fazendo do amor uma paixão theorica, um dogma rodeado de uma adoração que o assimelha a um culto. A França attribue então ao amor um idioma sagrado, que possui os refinamentos de formulas d'essas linguas que inventam, ou de que se apropriam, as devoções rigidas, fervorosas e ferteis em actos exteriores. E é assim que esconde a materialidade do amor com a immaterialidade do sentimento, o corpo do deus com a sua alma.

Até ao seculo XVIII, o amor falta, torna-se excessivo, declara-se, como abstraindo quasi dos sentidos e como sendo, no homem e na mulher uma virtude, de grandeza e de generosidade, de coragem e de delicadeza. Exige todas as provas e todas as decencias da galanteria, o cuidado de agradar, a vontade perseverante, o esforço paciente, os respeitos, os juramentos, o reconhecimento, a discricção. Quer supplicas que implorem e adorações que agradeçam; envolve as suas fraquezas em tantas apparencias convencionaes, os seus escandalos em tanta solemnidade, que até mesmo as suas faltas, as suas vergonhas, tem sempre um aspecto delicado, desculpavel, quasi pudico.

O amor n'esses seculos é um ideal, o ideal transmittido pela cavallaria ao bello espirito da França, ideal heroico, metamorpho, seado em ideal galante.

Mas no seculo XVIII, que é feito d'esse ideal? Na epocha de Luiz XV não existe senão o desejo, e o amor chama-se voluptuosidade!

Voluptuosidade! eis a palavra do seculo XVIII, o seu segredo, o seu encanto, a sua alma. O seculo respira a voluptuosidade e transmite-a. Está no ambiente de que elle se nutre e que o vivifica. A voluptuosidade é a sua atmosphera, o seu elemento, a sua inspiração e o seu genio. Circula no seu coração, nas suas veias, na sua cabeça.

Põe um traço encantador nos seus gostos, nos seus habitos, nos seus costumes, nas suas obras. A voluptuosidade brota dos labios do tempo, das suas mãos, das suas entranhas. Voa atravez do mundo, possue-o; é a sua fada, a sua musa, a origem de todas as suas modas, o estylo de todas as suas artes, e nada subsiste d'esse tempo, d'esse seculo da mulher, que a voluptuosidade não tenha creado, tocado, conservado, como uma reliquia de graça immortal no perfume do prazer.

A mulher então não é senão volupia. A volupia veste-a. Enfia-lhe nos pés os chapins que imprimem ao andar uma ondulação. Espalha-lhe nos cabellos o pó que faz immergir, como de uma nuvem, o rosto animado pelo fulgor dos olhos, pela luz do riso. Aviva-lhe a cutis, accende-lhe as faces com carmim. Banha-lhe os braços de rendas. Desenha no alto do vestido, como uma promessa; todo o corpo da mulher; desvela-lhe a garganta, e vê-se, não só á noite, em uma sala, mas ainda de dia, na rua, a toda a hora, passar a mulher decotada, provocante, exhibindo a seducção da carne nua e da pelle branca que, na promiscuidade da multidão, acariciam os olhos como um raio de sol e o aroma de uma flor.

Assim ornada pela volupia, a mulher acha-a em tudo que a cerca. A volupia reenvia-lhe, sob todos os aspectos, a sua imagem, multiplica-a na sua fórma mais provocadora, como em um gabinete de espelhos.

A volupia canta, sorri, attrae pelos objectos mudos e inseparaveis da existencia da mulher, pelas decorações do quarto, pela meia luz da alcova, pela doce claridade do *boudoir*, pelo macho dos estofos.

Ostenta nos frescos das paredes aventuras, sempre felizes, que parecem banir de um quarto de mulher até mesmo os rigores... pintados.

E conservando a mulher em um odor de ambar, faz com que ella viva, sonhe e acorde no meio de uma claridade velada e terna, em moveis languidos, que desafiam as preguiças scismadoras, em sofás, em leitos de repouso, onde o corpo se abandona, quebrando-se em attitudes serpentinhas e como que negligentes,

e em que a saia, levantando-se um pouco, deixa ver a ponta de um pé, e a extremidade de uma meia...

Facilidades, seducções, costumes, habitos, modas, tudo conspira contra a mulher.

Tudo que se lhe depara, tudo que encontra, tudo que vê, transmite á sua vontade a fraqueza, á sua imaginação um perturbador desfallecimento.

De todos os lados, surge-lhe a tentação, não só a tentação grosseira e material, que se dirige aos seus sentidos, que irrita os appetites da sua fantasia e as curiosidades do seu capricho, mas a tentação, perigosa até mesmo para as virtuosas e as delicadas, a tentação que se impõe á alma, que a agita, que enternece docemente o coração com lagrimas que sobem aos olhos.

Existe um encanto no amor, cheio de frescura e de poesia, á prova do qual o seculo XVIII submetteu as mulheres mais puras, como para lhes dar o assalto de que são dignas. Esse perigo não é representado por um homem, é sim personificado por uma creança.

A seducção occultar-se-ha sob a innocencia da idade, brincar quasi nos joelhos da mulher, que julgara combatel-a, admoestando-a, e que não a repellirá, senão depois de ferida: assim na ode antiga, onde figura o pequenito encharcado e dolorido, batendo, com voz chorosa, á porta do poeta; depois, aquecendo-se á lareira, a creança retesa o arco, o arco do amor, e vibra a setta ao coração do seu hospedeiro.

Supplicas de creança, lagrimas de creança, não será essa a bonita historia de madame Choiseul, com o pequeno musico Luiz, tão terno, tão sensível, tão interessante e que toca cravo na perfeição? Ella diverte-se, gosta do musico, como se gosta de um *joujou*; dedica-lhe a *paixoneta* que uma mulher tem pelo seu cão.

Mas o pequeno homem cresce, desenvolvem-se lhe as graças, a intelligencia, a doçura, a sensibilidade; chega um dia em que é forçoso prohibir-lhe as caricias infantis, que já não se coadunam com a sua idade.

Então, acabou-se a alegria, foi-se o appetite: Luiz não janta. Triste, acabrunhado, fica-se assentado ao cravo da senhora de Choiseul, a qual deixa cair sobre a sua pequena cabeça esta palavra carinhosa:—*Mon bel enfant.*

A esta palavra, a creança rompe em soluços, em exprobações. Diz á sr.^a de Choiseul que ella não o ama, visto que lhe prohibe amal-a. Chora, cala-se, torna a chorar e exclama: «Como heide provar-lhe que a amo?»

Diligencia apoderar-se da mão da sr.^a de Choiseul, para a orvalhar de lagrimas. Ella, porém, foge, para occultar o seu enternecimento, o seu pranto, o seu coração a esse querido infeliz, que parece implorar o amor de uma mulher, como se implora o amor de uma mãe, ou de uma rainha, ajoelhado e beijando-lhe a fimbria do vestido.

Como esquivar-se á piedade, á indulgencia, nos dias que se seguem?

O musico tem febre; consoante a confissão feita ao abbade Barthélemy, «o seu coração succumbe».

Permanece em contemplação, em adoração, deixando assomar aos seus olhos lagrimas que vai esconder no quarto contiguo. Approxima-se de madame de Choiseul, beija os objectos tocados pelos seus dedos, e quando ella o detem com um olhar, implora-a com uma phrase:

«Pois que! nem mesmo isto?»

Tanta candura, tanto ardor, tanta ingenuidade na audacia, uma creancice de paixão tão natural, e que é a synthese da paixão, evocam afinal, sob a penna da sr.^a de Choiseul, o grito do tempo, o grito da mulher:

«*Quoi qu' on aime, c'est toujours bien fait d'aimer.*»

EDMUNDO E JULIO DE GONCOURT.

NO ALGARVE

V

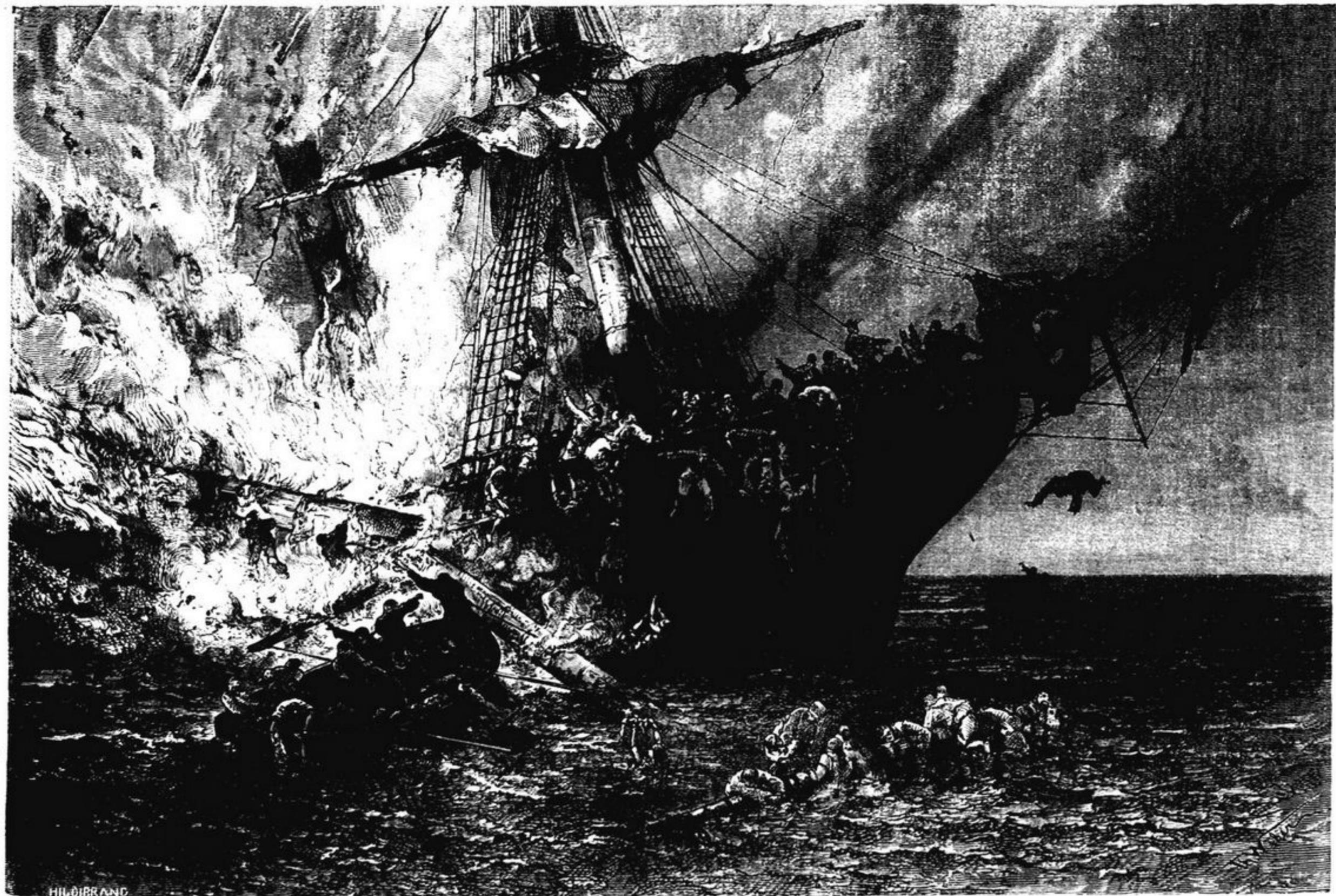
Faro

Batiam pausadamente nove horas no velho relogio da Sé, quando saltei a terra do alto da desconjunctada capoeira que me transportára desde Tavira.

Noite cerrada.

A lua, em quarto crescente, luzia perto do horisonte desmanchando-se em linhas tremidas nas aguas do canal lodooso. Para alem desenhava-se a tira escura das ilhotas que se levantam do rio como corcovas, e as mastreações de cahiques ancorados.

A praça, quasi deserta, cortava-se aqui e ali de compridas fachas de luz que vinham das lojas abertas. Candieiros munici-



INCENDIO DO «COSPATRICK»

paes, trepados ás esquinas, tremeluziam, esmorecidos, as suas claridades de petroleo a meia força.

A arcaria do hospital, voltada ao poente, semelhava um renque de cavernas negras, e tudo o mais se perdia em meias sombras, confusamente.

De longe em longe passavam de vagar ranchos de mulheres silenciosas; grupos de homens, em circulo, fallavam alto, quebrando o silencio da noite; um ou outro passeiante parava a beira do caes, olhando o leito do rio.

E n'aquella serenidade da noite e dos seres presentia-se o bocejar chronico da cidade, preparando-se para dormir.

Havia alguma coisa de funebre n'aquella ausencia de ruido, de vida activa, de rodar de carruagens, de pregões, de *toilettes* ruidosas cruzando os *trottoirs*.

Parecia tudo parado—a lua, o ar, a gente.

Um piano enviava de grande distancia umas parecências de Chopin nas notas d'uma valsa esplendidamente trucida.

Voltei-me, serrando o punho ao monstro que escoiceava nas trevas, mas em lugar do vazio, senti a minha mão presa n'outra. Era...

Nem tu precisas de saber quem me esperava, nem eu te digo, leitor, que de bellas sensações nos invadim quando, em seguida a uma ausencia de longos mezes, caímos de chofre n'uns braços amigos!

E eram amigos, eram, esses braços ainda não tremulos, apesar dos seus trinta e cinco janeiros... duas vezes.

Os outros... Esses tinham-se sumido ha muito nas trevas mysteriosas da decomposição e não poderiam abraçar-me já. Como são tristes as pedras dos tumulos!

D'ahi por minutos, com o espirito enredado em mil recordações, entrava o portal da velha vivenda tão minha conhecida.

E ali, no meio d'aquelles adornos severos, em frente d'aquellas cadeiras alinhadas que figuravam saudar-me, junto de tantos detalhes vivos na sua mudez eloquente, um como que impeto de ternura insullou-me o desejo infantil de abraçar um por um os antigos cumplices discretos de tropelias passadas, e de beijar n'elles o cadaversito mirrado d'uma infancia que foi.

Que magestosa modestia em tudo! que adoravel simplicidade n'aquella symetria primitiva!

Tinham ainda os mesmos logares—o espelho esguio, de columnas negras, o quadro da Virgem, a cantoneira das loiças, a commoda crivada de gavetas, os objectos antigos de talha, os mappas, a secretaria de pau santo, as *bijouterias* diversas: e sobre tudo isto, como um arco-iris bonançoso, dormia o seu somno sereno o mesmo barometro, coevo do alvorecer do seculo, sem uma nuvem turva no seu liquido transparente e amarellecido. Dormia ou morrerao sentir que lhe fugiam de casa, pouco a pouco, aos pedaços, as alegrias d'outras eras, como fogem dos ninhos os que ainda hontem não voavam.

E os ninhos ficam solitarios nos ramos que se despem, até que, pelo inverno adiante, uma lufada mais rija os despenhe. Depois, mais nada. Annos volvidos, um ou outro, que passe, recordará que na carvalheira da azinhaga, ou na trave carunchosa do palheiro, arruinado viveu por mezes uma geração inteira de andorinhas.

E, parado ante esse pequeno mundo destruido, deixar-se-ha arrebatado, enlevado e rejuvenescido, para as scintillações remotas d'um horisonte transposto uma vez só.

Como tu és boa, mocidade!

Massei-te muito, gentil *demoiselle* que me lês?

Achas *gauches* estes *lyrismos* chorões que te irritam? Não te quero mal por isso, mimosa de estufa.

Os que nunca deixaram de jantar não comprehendem o que seja um jejum forçado. Tu, que tens um piano, um lar, tres irmãositos alegres e não saes do teu *boudoir*, bello cantinho perfumado como o que eu desejaria no ceu—um ceu na terra,—tu não sabes o que é a vida do bohemio solitario que anda de região em região, e como vibram todas as cordas da alma ao avistar-se o palmo de terra que nos foi berço.

Não te quero mal por isso, espartilhada susceptibilidade nervosa.

Dormi a noite toda d'um somno, confiado, sem pesadellos.

De manhã fui complimentar o sol. Tinha ainda o mesmo lume e beijava ainda com a sua regularidade mathematica a velha palmeira que brotou á luz quando eu nasci—uma irmã que me viu pequeno e que ficou impassivel e fiel, emquanto os outros debandavam.

Havia um grande silencio n'aquelle recinto ainda quente de risos sonoros e vermelhos—o oiro vibratil da infancia, volatilizado no grande cadinho dos annos que passam.

Visitei tudo, os quartos, o terraço, o pateo, as flores, a velha pimenteira, a lareira branca, o gato sonhador que dormitava enroscado o que me olhou preguiçosamente, com o seu olhar que-

brado e amertecido, parecendo não reconhecer-me, os recantos d'aquella *paradise-lost*—enorme teia de aguarellas desbotadas.

Pela janella aberta entravam turbilhões da luz morna do outono.

Em frente seguia o rio, cheio de agua esverdeada, subindo até ao alto das ilhotas arrendadas de marismas. Mais longe a ilha traçava junto do oceano uma fita branca de areia.

Em baixo, á beira do Valle Formoso, um estaleiro: e pela esquerda estendia-se, em semi-circulo, a cidade, terminando, ao extremo, pela muralha do castello mourisco.

Uma briza do sul trazia nos deliciosas emanações salinas. Setembro arrancava as primeiras folhas com os seus beijos que esfriavam pouco a pouco.

E ali, em pé, absorto e *rêveur*, seguindo, meio desperto, um bando de creanças que brincavam, os cabellos soltos, as faces vermelhas afogueadas, senti-me pensar a meia voz, contagiado d'aquella mesma alegria ruidosa e casta:

—Como tu és boa, mocidade!

LORJÓ TAVARES.

MIM-MIM

Chamava-se Mim-Mim,
E disse a mãe um dia,
Que, louca d'alegria,
Fallava sempre em mim.

A's vezes, no jardim,
Em jogos, a porfia,
Beijava, se vencia,
Seu rosto de carmim.

Parti pr'a fóra, e quando,
Um anno apoz, voltando,
Eu quiz beijar a flor,

Eu vi Mim-Mim zangada,
Erguer-se nacarada,
Bradando-me «Senhor»!

F. B.

O PEQUENO MENDIGO

—Vaes-te embora ou não, patife?—gritava no jardim a Reynalda, armada com uma vassoura.—Espera que já te ensino a andar de roda das casas.

E, com a vassoura ameaçava, um pequeno mendigo, que, encostado á grade de madeira, olhava para ella, fazendo-lhe caretas.

—O que é isso, ó Reynalda?—perguntei-lhe.

—Pois o sr. não vê este descarado?—respondeu a creada. Ha mais de dez minutos que anda a passear em roda da nossa casa, o vadio... Conheço bem estes miseraveis!... Ha tres dias ardeu a granja de Hartebize, o sr. bem se lembra, sem se saber como, nem porque... Quem é que nos diz que não foi este velhaco ou algum companheiro d'elle?... Espera que eu já te vou fazer queimar granjas!

Approximei-me do pequeno e disse-lhe com uma voz severa:

—O que fazes aqui?

—Estou a vér, respondeu elle com firmeza.

—Mas o que queres?

—Queria pão ou outra qualquer cousa.

—Vamos; anda d'ahi que terás pão.

Mas o pequeno não se moveu. Na sua cara, que tomara de repente um aspecto grave, via-se uma expressão de desconfiança.

—Anda d'ahi, repeti-lhe.

Encarou-me com os seus grandes olhos, onde se lia o medo.

—Promette não me fazer mal?—murmurou elle.

—Prometto, imbecill!

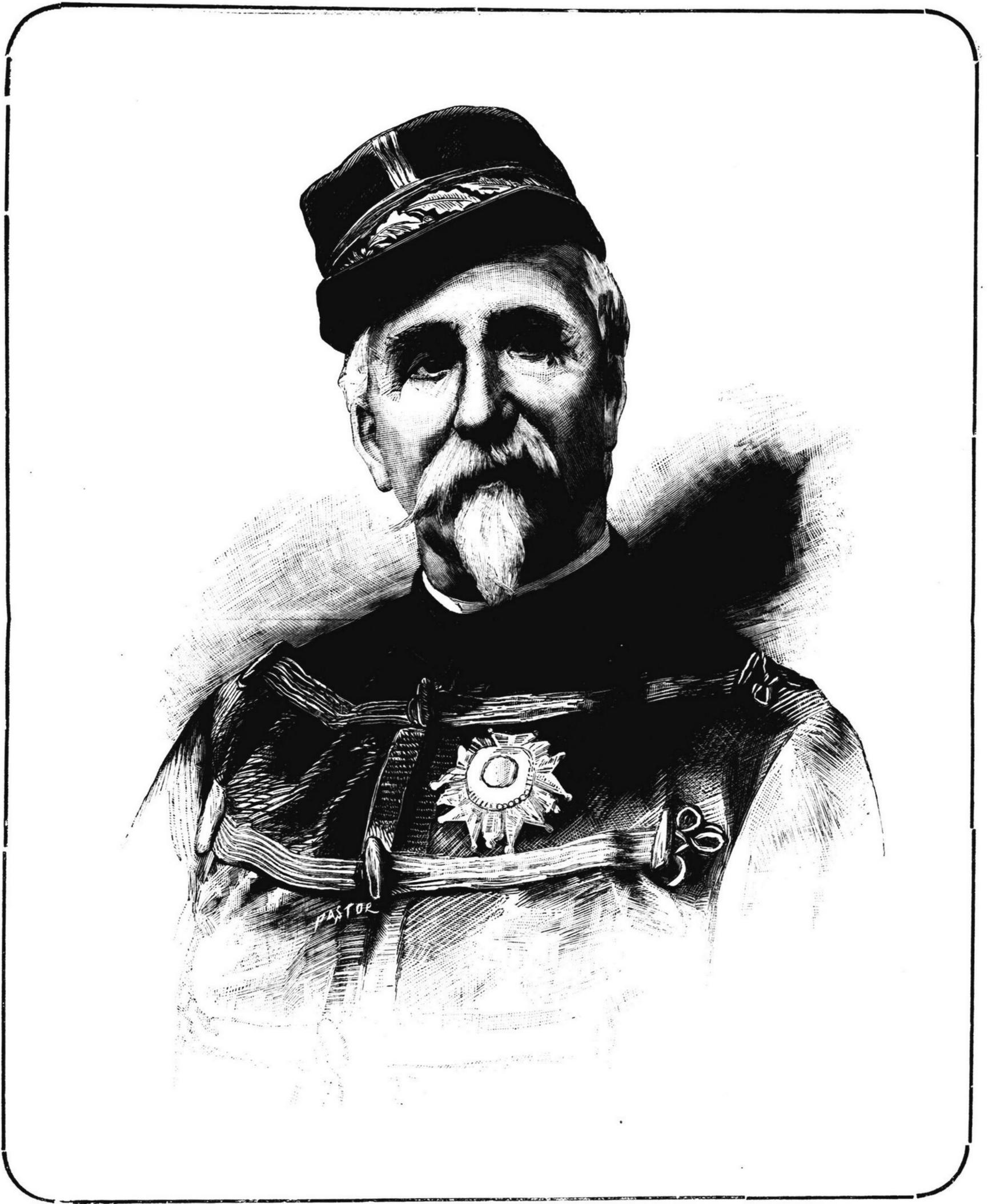
—Nem essa mulher da vassoura?

—Tambem não.

—Então, lá vou.

Atirou para cima das costas um alforge cheio de codças de pão, que tinha encostado á grade, e veiu atraz de mim.

Dei-lhe um bocado de carne fria, pão fresco e uma garrafa de cidra, e o pobre pequeno começou a comer soffregamente, mas não sem olhar com uma certa inquietação em redor d'elle. Os seus olhos vivos examinavam, esquadrinhavam tudo. Dir-se-hia que estava com medo de que sahisse qualquer cousa sobrenatural dos moveis, da chaminé, debaixo do sobrado, do caldeirão de cobre amarello que brilhava, como um sol, ao fundo da cosinha.



DUQUE D'AUMALE

Teria treze annos. A sua cara enfarruscada era fina e engraçada; os seus olhos muito negros, sobre umas olheiras fundas, tinham uma expressão ao mesmo tempo gaiata e nostalgica; os seus cabellos negros, compridos e corridos dar-lhe-iam o aspecto de um pagem, como se encontram nos romances de cavallaria, se não fosse a pobreza do seu casaco de linho, rôto em dez partes, e a miseria das suas calças cheias de remendos e muito curtas, deixando ver as barrigas das pernas, os tornozellos delicados e os pés nus, callejados pelo andar e amarellecidos pela poeira das estradas. Tinha, além d'isso, apparencia de saude e força.

Quando elle já estava bem confortado, perguntei-lhe:

—De onde és tu?

—Eu? eu cá sou bohemio, quero dizer que o meu pae é que era bohemio, porque não sou de parte nenhuma.. Eu nasci n'um carro, n'uma estrada, longe d'aqui, não sei em que terra.

—Teus paes, ainda vivem?

—Meu pae já morreu.

—A tua mãe?

—Não sei.

—Como é que ficaste só?

—Meu pae tinha um carro grande, amarello, que era a nossa casa. Andavamos de cidade em cidade. Meu pae concertava louça e amollava facas. Eu assoprava a forja e fazia girar a mó, e o cão guardava o carro. Paravamos sempre á entrada da terra; os cavallos comiam a herva que encontravam, e depois, quando se tinha ganho um dia bom, preparava-se a ceia á borda da estrada... e o meu pae batia-me! Mas ha que tempos que isso foi; não era ainda eu crescido como agora. Depois, meu pae partiu as duas pernas, e, como não podia trabalhar, começou a pedir esmola e eu tambem. Vendeu o carro e os cavallos, e ficou apenas commigo e com o cão.

—Mas como podia elle andar a pedir esmola com as duas pernas quebradas?

—Com o dinheiro do carro comprou um apparelho de rodas. O sr. comprehende, estava como sentado no apparelho, que elle impellia com as duas mãos... Parecia um bote... O sr. já tem visto botes... Pois, o meu pae era, como quem diz, o bote, e os seus braços eram os remos... E depois morreu... Então continuei a pedir esmola sózinho. O que eu não gosto é das cidades, não ando senão pelos campos.

—E não te achas infeliz?

—Não senhor. Eu gosto muito d'isto. Algumas vezes deixam-me dormir nas granjas; outras vezes põem-me fóra... Então sempre arranjo onde recolher-me... Nos bosques ainda é melhor que nas granjas... Ha bom musgo, boas folhas seccas, e depois é magnifico, de manhã os passaros cantam, e vejo lebres e veados...

—Mas como arranjas de comer?

—Algumas vezes dão-m'o, e isso é bom; outras vezes não m'o dão, e eu roubo o.

—Tu roubas, miseravel!

—Mas como sou bohemio!

—Não tens medo de que te mettam na cadeia?

—Não podem, porque sou bohemio... Toda a gente sabe isso.

—O que é que toda a gente sabe?

—Que os bohemios podem roubar. O sr. não sabia?... Mas é muito antigo... Um dia, um bohemio passou por ao pé da cruz onde morria Nosso Senhor. Arrancou-lhe os pregos dos pés e levou-os. Desde essa occasião Nosso Senhor deu licença aos bohemios para roubarem... Acabei—disse o pequeno levantando-se. Vou-me embora, mas o sr. é uma excellente pessoa.

O pobre pequeno tinha-me commovido. Perguntei-lhe:

—Olha lá, meu amigo, não gostavas de te instruir, de aprender um officio?

—Eu, não senhor, respondeu vivamente. Para quê?... Gosto mais das minhas estradas, dos meus campos, das minhas bellas florestas e dos meus bons amigos, os passaros... Terei sempre uma cama de musgo no verão, pedreiras bem quentes no inverno, e a caridade de Deus, que gosta dos pequenos bohemios... mas o sr. é uma excellente pessoa... Adeus, meu senhor... Muito obrigado.

Dei-lhe alguns vintens e enchi-lhe o alforge de pão e carne.

E alegremente, como salta um cão, elle transpoz o limiar da porta.

Vi que tinha parado no silvado proximo. Arrancou um ramo de aveleira, de que fez uma bengala; depois, tendo-me dito adeus, deitou a correr pelo restolho e desapareceu.

Pobre creança! Talvez tenha razão! E talvez que tivesse podido ser banqueiro ou ministro!

OCTAVE MIRBEAU.

AS NOSSAS GRAVURAS

O GENERAL PITTIE

Falleceu no dia 3 do corrente mez, em Paris, victima d'uma affecção do coração, este illustre general, amigo intimo e conse-

heiro de mr. Grévy, que lhe tinha confiado as funcções de chefe da sua casa militar e de seu secretario.

O general Pittié tinha 57 annos d'idade. Sahira de Saint Cyr em 1849.

Escriptor distincto além de militar illustre, deixa, entre outros trabalhos litterarios notaveis, varias traducções primorosas de versos de Goethe e Henri Heine.

Os jornaes de Paris consideram a sua morte como uma perda irreparavel para a Republica.

INCENDIO DO «COSPATRICK»

Os jornaes inglezes, *Daily-Telegraph* e *Daily-News* deram uma pungente descripção d'este terrivel drama.

O *Cospatrick*, navio de duzentas toneladas, tripulado por quarenta homens e commandado pelo capitão Elmslie, transportava para a Nova Zelandia quatrocentos emigrantes. Tinha largado de Deal a 12 de setembro de 1874. A travessia fóra feliz até ao dia 17 de novembro; mas n'este dia, um violento incendio de declarou, e apesar dos energicos esforços da tripulação, perderam-se logo quasi todas as esperanças de o dominar. O navio estava então, pouco mais ou menos, a duzentas milhas do cabo da Boa-Esperança.

A maneira que as chammas se iam apoderando do navio, o convez apresentava um horrivel espectaculo afflictivo. Os passageiros, homens, mulheres e creanças, precipitavam-se em desordem, lançando gritos medonhos, para os escaleres. Para evitar o fogo, lançavam-se ao mar, sem que se lhes podesse prestar socorro. Unicamente dois escaleres se poderam fazer ao largo. Os outros barcos ou tinham sido queimados ou engulidos pelo mar com os numerosos passageiros que n'elles se tinham empilhado.

O navio só foi a pique no dia 19. Até ao ultimo momento o capitão Elmslie, sua esposa, seu filho, e o medico de bordo estiveram no convez. Quando o fogo chegou até elles, saltaram ao mar e morreram afogados, á vista dos passageiros refugiaes nos escaleres, que não se tinham affastado, mas que os não poderam salvar.

Os dois barcos navegaram de conserva os dois dias 20 e 21 de novembro. Depois foram separados por uma borrasca. Nunca mais se soube do que levava o primeiro official, seis marinheiros e vinte e cinco passageiros. A chalupa, dirigida por um segundo official, o tenente Macdonald, e contendo vinte e cinco pessoas, não tinha mastro nem vela. Conseguiu-se todavia arranjar uma, com a saia de uma passageira. Mas a agua e os viveres faltavam, e no dia 22 começou a fazer-se sentir a fome e a sede. Um marinheiro, que ia ao leme, caiu ao mar e affogou-se. No dia 25 o numero de passageiros estava reduzido a oito, dos quaes tres tinham enlouquecido. Os vivos sustentavam-se sugando o sangue dos cadaveres.

No dia 25, antes de amanhecer, o navio passou perto da chalupa. Os naufragos chamaram-n'o, mas não tiveram resposta, talvez por não se terem feito ouvir. No dia 27 caiu alguma chuva, mas os desgraçados só poderam apanhar algumas gotas. Mas tres homens morreram, e dos cinco que restavam dois estavam loucos. Estavam todos mergulhados n'um profundo lethargo. Na manhã do decimo dia, o tenente Macdonald, a quem se devem os doctos detalhes que resumimos, foi despertado por um dos companheiros, que n'um accesso de loucura lhe mordeia os pés. N'esse momento viu um grande navio, que corria direito sobre a chalupa. Era o *British-Scriptre*, navio inglez, que ia de Calcuttá para Dundee. Recalhidos a bordo os naufragos, foram ahí objecto dos mais sollicitos cuidados. Mas os dois infelizes que tinham perdido a rasão, morreram; os outros tres fóram, a 6 de dezembro, desembarcados em Santa Helena e transportados para a Inglaterra a bordo do paquete *Nyanza*.

O DUQUE D'AUMAIE

Não publicamos hoje o retrato do duque d'Aumale para lhe registrar as notas biographicas: essa homenagem não cabe nos estreitos limites de que podemos dispôr. O nosso intuito é outro: recordar aqui, louvando-a com enthusiasmo, a acção nobilissima que o duque d'Aumale praticou ha pouco, doando generosamente á França os seus vastos e esplendidos dominios de Chantilly.

E' assim que as almas grandes e honestas se vingam de perseguições odientas. A França republicana expulsou os Orléans. Um dos Orléans, em recompensa d'essa expatriação, que representa um ultraje e uma affronta, offerece bizarramente á sua patria—sempre querida, apesar de todas as ingratições,—aquelles dominios reaes, que occupam uma area de 10:000 hectares e encerram verdadeiras maravilhas d'arte.

O Castello e terrenos doados constituem um legado precioso dos principes de Condé, de quem o duque de Aumale herdou, não só a immensa fortuna, mas a grande alma e a magnificencia real.

UMA SALA DO PALACIO DO TÈREM EM MOSCOU

Pela magnificencia d'este esplendido salão, que a nossa gravura representa, pode avaliar-se bem a sumptuosidade do palacio do Tèrem em Moscou.

Não se descrevem facilmente as riquezas que encerra aquella mansão fantástica, e por mais que o tentassemos, só conseguiríamos dar d'ellas um pallido reflexo.

O JEJUADOR MERLATTI

O milanez Succi jejuou durante 30 dias, como se sabe, e esse facto assombrou a Europa inteira, pelo que tinha de extraordinario. Pois o pintor piemontez, Stephano Merlatti, fez mais do que Succi, conservando-se cincoenta dias sem comer, e contentando-se, durante este longo jejum, em beber apenas agua filtrada.

A experiencia realisou-se n'um hotel de Paris, diante d'um comité de vigilancia, que o não desamparou nunca.

Merlatti começou o seu jejum a 27 d'outubro e concluiu o em 15 do corrente. Nos ultimos dias dizia-se que não chegaria ao fim, tal era o estado de prostração e de fraqueza em que se encontrava. Asseverou-se, mesmo, que o pobre jejuador fôra atacado d'anemia cerebral. Afinal, Merlatti vive, ganhou a aposta, met-teu Succi a um canto, e tem direito aos 50:000 francos que lhe haviam sido destinados, caso realisasse a custosa experiencia.

O imitador de Succi é um rapaz baixo, nervoso, moreno e ainda imberbe.

Agora dizem—e é para acreditar—que apresenta um aspecto cadaverico.

Os medicos prohibiram lhe que tomasse alimentos solidos durante um mez, sujeitando-o a um regimen de caldos, extracto de carne, quina, vinhos generosos, etc.

Afirmam os jornaes de Paris que o pobre rapaz tem uma fome devoradora. Compreende-se que assim seja.

OS EXCENTRICOS DO MEU TEMPO

O actor Carreira

Um desgraçado. Com a cabeça pendente sobre o hombro esquerdo, os olhos pequenos e orlados de vermelho, ligeiramente cambaio, e alem d'estas contrariedades physicas, manêta. A sua unica excentricidade consistio em se dedicar á carreira dramatica, e lograr, apesar das suas deformidades, ser por vezee applaudido, e mesmo roçar pela gloria... no velho theatro do Salitre.

O actor Carreira fôra sapateiro, com loja aberta na rua das Portas de Santo Antão, e taes affinidades encontrou entre a sua officina e o theatro, que, abandonando a tripeça, e despendendo a previa consulta do espelho, ousou aspirar a commover as multidões, o que logrou conseguir no «Rachador Escossez» e mais tarde no «Naufragio da fragata Medusa» em que elle desempenhava o papel de commandante da fragata, a aprasimento dos espectadores, que todas as noites o victoriavam, levando-lhe os aleijões naturaes á conta das gloriosas mutilações que tão bem quadram aos homens do mar.

O nosso theatro, quando o actor Carreira se lembrou de o especar, ahi pelos annos de 1836 a 1839, era uma verdadeira lastima. Um critico auctorizado d'aquelle tempo, escreveu dizendo, «que a muito custo pisavam o palco scenico homens que passavam o dia trabalhando com o martello, ou sentados na tripeça;» isto na mesma occasião em que um professor do Conservatorio não duvidava alcunhar de *plebe*, ao grupo dos seus discipulos, quasi todos vadios, e soldados insubordinados dos da guarda nacional, atraidos ao estudo da arte dramatica, pela despesa legal de fazer sentinella que d'ahi lhes resultava!

O actor Carreira foi um dos mais legitimos representantes da velha escola dramatica portugueza, da que nunca transigio com as idéas modernas, nem nunca as quiz acceitar como plausiveis.

Quem leva as monographias, á conta de simples vaidades de quem as escreveu, como se d'ellas se não tirasse muitas vezes proveito para esclarecer a historia da arte, deficiente por falta de documentos, ou de aneddotas que a esclareçam, engana-se redondamente.

E' assim, por exemplo, que todos estão de ha muito tempo de accordo em que era deploravel a declamação do velho theatro portuguez; mas o que se não sabia era, que existiam regras fixas para a depravação da verdadeira arte, se o actor Izidoro nas suas «Memorias» as tivesse denunciado, tendo tido a boa fortuna de as recelher da tradição oral.

Em 1858, o já então bastante velho actor Matta-Castelhanos», convidou o seu collega Izidoro para tomar parte em um beneficio que projectava fazer no theatro das «Variedades» com a applaudida comedia *O Camões do Rocio*, que ainda até hoje se não apurou por quem fôra escripta, se por Almeida Garrett, como alguns pretendem, se por Feijó, como sempre me pareceu o mais verosimil.

O actor Izidoro acceitou o convite do seu velho collega, encarregando-se do importante papel de sapateiro, e deixando ao beneficiado as honras de desempenhar o do protagonista da peça, o proprio *Camões do Rocio* em pessoa. D'ahi a convivencia, e em breve a amizade travada entre os dois actores, denunciada ao Izidoro, pela revelação dos segredos da *arte velha*, feita ao neophito pelo unico representante que já então existia das grandes berrarias e patadas, com que no antigo theatro portuguez se accentuavam as grandes situações dramaticas.

As qualidades mais apreciaveis n'um actor, segundo a opinião do Matta-Castelhanos, eram:

Pisar bem.

«Pisar bem era andar com um certo donaire, deitando os pés para fóra, assentando primeiro a ponta do pé, e depois o calcanhar.»

Saber preparar uma entrada.

«Preparar nma entrada, era collocar-se o actor com antecedencia á porta por onde devia entrar, com as costas viradas para a scena, e á competente *deixa*, se a entrada era do lado esquerdo, levantava o braço direito a ponto de lhe ficar a mão a altura do hombro esquerdo, e rompendo a marcha com o pé direito, curvando o corpo um pouco para deante, descrevia um meio circulo e vinha parar ao logar que lhe era marcado na scena.»

Saber quadrar-se bem.

«Saber quadrar-se, era collocar-se bem a tres quartos ao lado do seu interlocutor, se era em dialogo; ou em qualquer dos pontos extremos, se havia mais de um actor em scena. sem que por motivo algum voltasse as costas para a platea, a não ser á saida.»

Saber gesticular.

«Saber gesticular, era acompanhar com o gesto as palavras que mais ou menos o promettiam. Por exemplo: o amor, a paixão, o rancor, etc., indicar o peito; o juizo, o pensamento, o raciocinio, etc., indicar a cabeça; Deus, o ceu, o firmamento, etc., indicar as bambolinas; o chão, o demonio ou o inferno, etc., indicar o soalho.»

Saber cair bem.

«Cair bem era; nos desmaios, tiros, punhaladas, ou quaesquer outros accidentes, cair hirto no chão, como pode cair uma tranca.»

«O actor que ao cair, se curvava por qualquer forma, ou punha as mãos, para defender o peito ou a cabeça, dizia-se, embora elle tivesse muita qualidade boa para a scena: E' bom actor, mas cai mal.»

Saber recuar.

«Recuar, era nas scenas de espanto, de horror ou exprobação, afastar-se do personagem exprobadado, sem levantar os pés do chão.»

«Para isto fazia-se firmeza nas pontas dos pés, arrastando os calcanhares para o lado, para onde se pretendia recuar, logo se firmava nos calcanhares, arrastando as pontas dos pés, e assim successivamente, de modo que mais parecia escorregar, do que recuar.»

Este era o compendio porque liam os preceitos da arte de representar os velhos actores portuguezes, e de que não deixaram de ser eivados alguns mesmo de incontestavel merecimento, taes como o Epiphanio, o Dias, o Theodorico, e a Carlota Talassi.

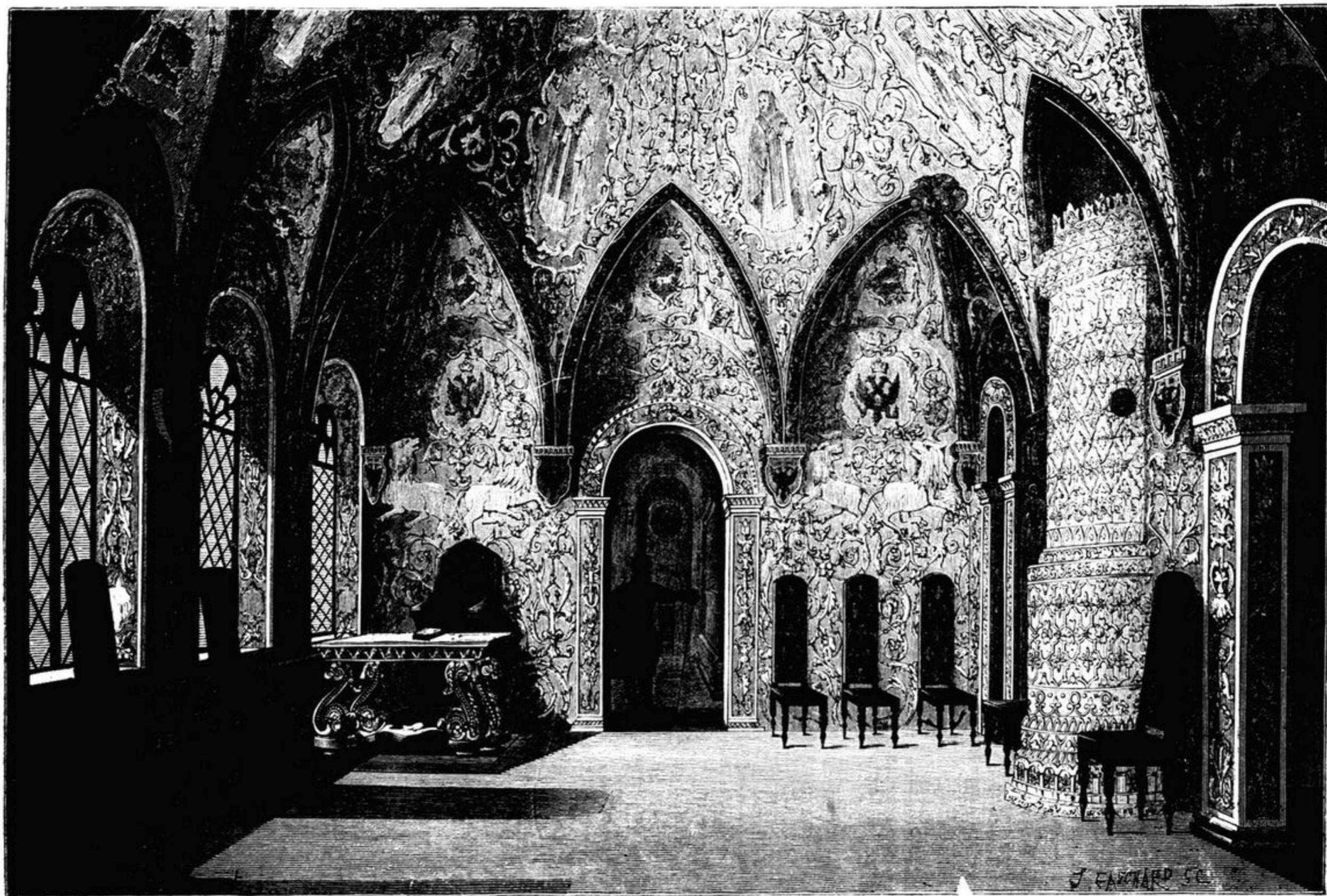
Ainda me lembro de ver o Epiphanio, tido como mestre já por uma outra geração de artistas, exercitar-se em *recuar* nas scenas de horror, girando sobre os calcanhares e fazendo o resto das evoluções scenicas que o Matta-Castelhanos transmittiu vocalmente ao Izidoro nos ensaios do *Camões do Rocio*.

Ainda tambem me recorde do Theodorico se prezar de *saber cair bem*, dando consigo no chão como um desalmado; e a Carlota Talassi expremar o gesto, como que ensinando as platéas por mimica, as mais escabrosas situações dramaticas, como as mães amoveis ensinam ás creanças, apontando com o dedo para a palma da mão, *aonde põe a gallinha o ovo!*

Pelo que respeita ao actor Carreira, ao velho manêta que commandara a fragata *Medusa*, no theatro do Salitre, vamos encontrar-o já no fim da vida... no hospital de Rilhafolles, ensinando os doidos a representar!

Não sei em que qualidade o actor Carreira entrou para Rilhafolles, se na de artista, se na de doido, mas suspeito que foi esta ultima fatalidade, que despertou a idéa ao Dr. Guilherme da Silva Abranches de lhe aproveitar o prestimo, para esparecer por um bocado os seus pobres doentes, com as facecias de algumas farças de cordel, ao alcance das intelligencias toldadas dos espectadores das peças mettidas em scena pelo velho actor do theatro do Salitre.

Teria o actor Carreira alguma vez saudades da sua locanda das Portas de Santo Antão? O que sobreviveria n'aquelle espirito enfermo, a recordação das palmas que colhera representando o



UMA SALA DO PALACIO DO TÈREM EM MOSCOU

«Rachader Escossez» ou o arrependimento de haver abandonado o tirapê pelas tentações ephemerias do palco?

Não sabemos. O que consta, por que o ouvi muitas vezes dizer ao dr. Abranches, é que o Carreira tomara a serio o seu papel de ensaiador de doidos, e que alguns lhe saíram das mãos parecendo ter juizo, tão verdadeiro é o proverbio que affirma que se tocam os extremos.

O rei Wamba

Era um garoto que fazia recados no Chiado; vendia senhas ás portas dos theatros; ajudava a apeiar dos trens as pessoas para os bailes; vendia programmas das touradas celebres; entregava cartas de namoro, e pedia esmola quando todos estes modos de vida lhe falhavam.

Ignoro quem foi que lhe pôz a alcunha do rei Wamba, mas devia ter sido algum leitor dos romances de Alexandre Herculano. Fosse quem fosse, que assim pretendeu arrastar a realza, lançando por escarneo o manto de purpura dos imperantes sobre os hombros de um pobre valdevinos, nem rebaixou o sceptro, nem acanhou a indole francamente plebeia e sociavel do rei Wamba, o collega e rival do Lérias, do Theodoro, do Meirelles, do Meio Arratel e do Nini, os mais conhecidos e ladinos *fazem-tudo* que Silva conheceu, desde as portas do café Martinho, até ás de S. Carlos; desde os umbraes de S. Bento, até ás tascas do Dafundo e da Porcalhota.

O rei Wamba era um homem baixo, bexigoso, torto de um olho, hirsuto, e tartamudo; aparentemente um imbecil, mas no fundo uma creatura prestadia, que empenhava os relogios dos seus freguezes por maior preço e menor juro do que os seus collegas do mesmo officio; que sabia melhor do que nenhum d'elles guardar um segredo, e desviar um incauto de ser atropelado por um trem de praça.

Pouco cuidadoso no seu aceio pessoal, o rei Wamba vestia o que lhe davam, resultando dos dons gratuitos dos seus protectores, uma desharmonia caracteristica do seu viver bohemio, denunciadora de uma existencia ora levada áleria, em vespera das tresloucadas esperas dos toiros, ora mal dormida em qualquer pocilga, depois de ceitados os sobejos dos janotas esterneitados, na popular taberna do Baldanza.

Procurador de causas, muitas vezes antecipadamente perdidas, era elle quem ia pedir aos agiotas os adiamentos dos prazos marcados para os leilões dos penhores; quem, com equal sollicitude trepava ás torrinhãs de S. Carlos, para de lá atirar ao palco, em nome de um amor anonymo, uma corôa colossal de rosas e de violetas, comprada no D. Vicente, o florista hespanhol da rua do Oiro, o amigo de outro excentrico hespanhol, D. Diogo, o fanatico admirador do marquez de Nisa, e que veio a morrer no hospital, victima do que elle ingenuamente suspeitava ser uma grande sagacidade que tinha para deslindar negocios arvesados.

O rei Wamba estacionava ordinariamente á porta dos dois irmãos Grasiéis, donos da grande chapelaria que fazia angulo com o adro da igreja do Loreto, e que veio a acabar em completa decadencia na rua da Horta Sêca, proximo do local onde trinta annos atraz florescêra a casa de pasto do Ferreira, o famoso manipulador da cabeça de porco com feijão branco.

Como todos os da sua incerta profissão, o rei Wamba matava o bicho com aguardente logo de madrugada, e era mais facil encontral-o durante o dia entre as dez e as onze, do que completamente desanuveado dos vapores do vinho.

Como um bom marinheiro, que com todo o tempo se aguenta firme na tolda do navio, o rei Wamba, fosse qual fosse a quantia das libações, só nos ultimos annos da sua vida é que perdeu o norte aos recados, deixando-se adormecer encostado a qualquer marco de pedra, ou nos desvãos das escadas já suas conhecidas.

Nunca foi larga a vida d'estes nomadas ganha-pães que, como o rei Wamba, não teem domicilio certo, e dos vicios alheios se alimentam. O rei Wamba teve o destino fatal a todos os vagabundos a quem um trabalho seguido e honesto não robustece o physico, nem estimula o moral. Morreu n'uma enxerga do hospital, como todos os seus antecessores, incluindo o Meirelles, que, apesar de côxo, despejava caminho a despique com o Theodoro, o primeiro andarilho da capital, antes de uma pthysica implacavel se apossar d'elle, e o ir pouco a pouco desfazendo, até o prostrar de todo.

Consagrar duas linhas a memoria do rei Wamba, é como pagar um tributo de saudade á geração que immediatamente se seguiu á que se enthusiasmára ao ouvir tocar o hymno da Carta, a discutir as endrominas theatraes do Vicente Corradini, a correr a S. Bento para applaudir as arengas tribunicias de Cunha Souto Maior, a empatetecer, nas tardes de verão, sentado nas lugubres alamedas do Passeio publico.

No Chiado, por uma corruptella indigna da mocidade da epocha, chamava-se rei *Bambas*, ao rei Wamba, confundindo assim a dynastia dos reis Godos, com a dynastia dos reis... de nacionalidade incerta, de que a eleição dos principes autonomos da Bulgaria nos está n'este momento fornecendo os mais acabados exemplares.

Feliz do padre que tivesse ovidio de confissão o rei Wamba

Os noticiaristas, que suam sangue e agua para apanhar um escandalo digno de publicidade, quantas duzias d'elles não ouviriam, se fossem, da consciencia timorata, do confidente em primeira mão de todos os amores clandestinos; do homem que era como o bolsim nocturno da alta e da baixa dos fundos particulares de todos os doidivanas do seu tempo!

O rei Wamba morreu, não como morrem os directores ~~geraes das secretarias~~ d'estado, saciados d'honras; mas como se deixam ir cá d'este mundo ~~o que~~, sem proveito, nem gloria, foram uteis aos seus semelhantes, isto é, ~~na tumba da Misericordia~~, a grande afferidora da egualdade prégada pelo Evangelho.

L. A. PALMEIRIM.

A NOITE D'ALDEIA

Dormita amena e formosa
Um bello somno bemdito,
A noite silenciosa
No leito azul do infinito.

As estrellas scintillantes
Parecem, do norte ao sul,
Uma porção de brilhantes
Encastados no azul.

Enquanto a montanha dorme,
A lua, formosa e bella,
Vae surgindo detraz d'ella
Como uma perola enorme.

Alem, nos montes distantes,
Erguem-se altos pinheirões,
Como fleiras gigantes
De Golias ideaes.

Desce o arroio a cantar
Entre as margens, pelas fragas,
E vão sorrindo ao luar
As suas pequenas vagas.

E na relva, entre alaridos
Das rãs, brilham no chão
Os pyrilampos, que são
Uns diamantes perdidos.

MARIA DO VAL.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS NOVISSIMAS

Na Italia o povo é anthropophago—2—2.
Na agua ha uma deusa que corre—2—3.
A ave corre na escada—2—1.

ANTONIO MARIA DO REGO.

Aqui ha uma serra e um marisco—1—2.
N'este logar está um homem com este nariz—2—2.

ANTONIO DA COSTA FIGUEIREDO.

Suja na cosinha esta estrella—1—1.
Esta madeira é um rol d'este religioso—1—2.

ORUOL.

CHARADA EM VERSO

A. A. Meruje

Que bramir, meu Deus! eu sinto a!em distante—1.
Que tão grande desgraça!... e eu só, aqui pelo ermo.
De envolta com a noite eu sinto a cada instante
Um uivo pavoroso, e digo:—Eis o meu termo!—1
Porem, foi-se o terror; que suave ternura!...
No formoso raiar d'essa manhã virente
Pude alegrar-me emfim. Achara na verdura
Uma prenda estimada: era um enorme dente.

Covilhã.

ANTONIO RODRIGUES BRANCAL.

Enigma

(Ao ex.^{mo} sr. Narciso d'Albuquerque)

Retribuição

Cinco letras tem o todo,
Sem nenhuma ser igual;
Dando ellas, bem dispostas,
Enigma pyramidal!

Das cinco, supprima a prima
Com cuidado e gentileza,
Se quer ver, lida as avéssas,
Uma villa portugueza.

Volto de novo ao principio
Colloco as no seu logar;
Reunidas, todas ellas,
Muita cousa lhe vão dar.

Podem ser, prego ou canella,
Até mesmo flor vulgar;
Borbulha que causa damno
A qualquer familiar.

Tudo isto pode ser,
E muito mais se quizer;
Perfura, vegeta e cheira
No *boudoir* da mulher.

Julgo já sufficiente
Para o poder decifrar;
Mas vá lá, inda lhe digo:
— Instrumento p'ra tocar.

Inda não está satisfeito
Com tantas explicações?!
Pois espere... já lhe dou
Outras mais combinações:

Que só tinha cinco letras,
O enigma em questão,
Disse ha pouco; porém isso,
Foi mero carapetão!

Pois cento e cinco lhe conto,
Não contando pelos dedos!
Fóra ainda tres que ficam,
Mettidas n'estes enredos!

Uma, porém, d'este todo,
Na escola ou tribunal
Indica muita baixeza,
Em quem praticou o mall

Se eu dissecasse este todo,
Como um sabio anatomista,
Muito longa, com certeza,
De palavras era a lista.

Mas, como, porém, não quero
De massador, ser taxado;
A tudo passo as palhetas,
Dizendo:—Muito obrigado.

Vizeu.

PEQUENO ANTONINHO.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Vallador—Caimão—Milhano—
Porta—Mitreta—Pata.

DA CHARADA CONIMBRICENSE:—Ta ra
ci to
ne to

A RIR

Entre noivos:

—Não fumas, Carlos?

—Sim, minha filha, ás vezes... quando estou aborrecido.

E accendeu um charuto.

A joven e formosa viscondessinha de X... divorciou-se ha
pouco, em seguida a um processo soffrivelmente escandaloso.

Dias depois do divorcio, disse-lhe alguém:

—V. ex.^a deve ter pena de haver casado?

—Eu, não... Graças ao casamento, conheço hoje a felicidade da separação.

UM CONSELHO POR SEMANA

MEIO DE LAVAR A FLANELLA SEM QUE ELLA AMARELLEÇA

Deita-se, em um banho quente de sabão branco, uma porção
de gomma arabica com dextrina, e lava-se a flanela n'este li-
quido, lavando-a logo depois em agua limpa.

D'esta forma o tecido conservará sempre a sua brancura.

OS ORPHÃOS

Nas torres searam compassadas as 12 horas da noite do na-
tal. O tempo norte, claro e extremamente frio, convidava a não
saiem de casa os mais timidos e a correrem precipitadamente
para os templos os mais corajosos.

Nos largos das egrejas e na frente dos botequins e casas de
pasto, a luz irrompia triumphante atravez das vitrines e das ja-
nellas do coro. Nas montras, nadavam em ondas de louça ingleza
as mais vermelhas lagostas; pelas janellas do coro, desenhavam-
se confusamente os perfis esguios dos musicos.

Bebados, percorriam as ruas, com o olhar estúpido, resmun-
gando e ameaçando, nos seus zig-zags interminaveis, os tableiros
das queijadeiras.

Grupos d'estroinas baratos, a *demi-gomme* dos lyceus e dos
bãlcões de modas, atravessavam os largos e ruas suspeitas, can-
tarolando e fazendo bicha com explosivas gargalhadas, afugentando
os burguezes circumspectos.

Figuras esqualidas, de rostos effeminados e cintura delgada,
colleavam por entre a multidão, farejando bolsas e relógios. Dos
seus casacos pardacentos saia um cheiro a podridão, e dos labios
descorados, escoava-se um calão medonho, de fazer córar a guar-
da municipal.

A policia, grave e imperturbavel, seguindo instrucções supe-
riores, deixava *gostar* o povo soberano...

Esta folia em que se mesclavam todas as classes, tinha no
entanto as suas notas discordantes. Eram os famintos. Os páreas
sociaes. Os que não tinham pão no estomago nem dinheiro na al-
gibeira. Os que sentiam o frio penetrar até ás carnes. Os que não
tinham comido durante as ultimas 24 horas.

Entre o grupo dos esfarrapados, tornava-se notavel pela sua
originalidade um par infantil, composto de dois irmãos, um pe-
queno de 8 annos e uma rapariga de 12. Cobria-os um só chale
de lã esburacado.

Porque mysterios da miseria social, dois innocentes, carre-
gavam tão prematuramente a pesada cruz da desgraça?

A historia é simples: morrera-lhes a mãe, unico amparo que
tinham, e ficaram ao abandono. Os vizinhos interessaram-se nos
primeiros dias, mas a pouco e pouco foram-lhes fechando as por-
tas.

Uma velha mais *condoída*, dera-lhes um canto da casa para
se deitarem e mandava-os pedir esmola. Eram, porém, tantos na
rua a ordenhar a teta da caridade publica! E as creanças, muito
timidas, porque não tinham sido creadas a mendigar, eram ven-
cidas na lucta pela esmola. Faltava-lhes esse descaramento in-
fantil a arte de pedir até obter. Não eram artistas.

Quando lhes diziam ao enconral-os de noite:

—Não teem casa onde durmam?

—Não sabiam mentir e respondiam:

—Temos, si'n senhor... a da tia Joanna.

—Ah! mariolas! Então teem *uma tia* e andam a pedir? Fóra d'aqui.

E as pobres creanças lá iam muito unidinhas uma á outra
transidas de medo e de frio, assustadas pelo bengalão ameaça-
dor do burguez indignado.

*
*
*

Em a noite da missa do gallo, a tia Joanna, que começava a
olhar para elles de revez, visto a sua falta de habilidade no pe-
ditorio, mandou-os explorar as ruas. O povo estava expansivo e
daria esmola a quem lh'a pedisse, pensava ella.

E os pequenitos, cobrindo-se ambos com o chale que lhes
servia de manta da noite, saíram. Atravessaram ruas, largos, pra-
ças. Diante das montras, extasiaram-se a ver linguados, cama-
rões, fiambre e muito bellas coisas, nas quaes não podiam enter-
rar os seus dentinhos agudos e brancos.

A' porta das egrejas onde quizeram penetrar, foram corridos
pela policia.

A' porta dos botequins foram enxotados pelos collegas. Res-
tava-lhes o campo livre das ruas; mas n'estas a multidão era
tanta que eram levados na onda, sem serem presentidos, er-
guendo as mãosinhas supplices.

O tempo, porém, voava, e era pavorosa a idea de voltar para
casa da tia Joanna, com as mãos a abanar. Ella já mostrava tão
mau modo!

—Credo! dizia a Maria para o irmão, se a gente não leva in-
das que seja uma de dez, estamos aviados!

E avançava intrepida ao assalto do transeunte, arrastando o irmão.

N'esta via dolorosa foram parar ao portão de um palacete fronteiro a uma igreja toda illuminada e d'ali puzeram-se a examinar tristemente, como pequenos philosophos, a multidão farta e ruidosa que enchia a rua.

Subito parou uma carruagem ao portão a que estavam encostados. No mesmo instante os gonzos giraram docemente e aos olhos avidos dos nossos pequeninos, patenteou-se um mundo desconhecido de plantas raras, que pareciam ter folhas de bronze e prata, tapetes, quadros, estatuas, candelabros e um Cerbero de calção encarnado e farda agalada.

Mas os seus olhares foram attrahidos para a portinhola da carruagem d'onde saia uma visão, uma mulher maravilhosamente

curvou o seu pescoço de ganço, respeitosamente, por detrás do esguio busto da velha, e ao lobrigar as creanças perdeu a côr, e foi tal o olhar que lhes desfechou, que a Maria arrancou logo de um salto com o irmão para o meio da rua.

O rancoroso guarda portão, apenas a dama subiu, armou-se com o cabo da vassoura e veio passar uma rigorosa syndicaucia ao largo, na attitude biblica do Roldão, seu heroe favorito nas aturadas leituras do *Carlos Magno*, a que se entregava com delicia ao serão.

Mas a Maria advinhara-lhe a intenção vassoural e tinha batido em prudente retirada. Como esta, succederam aos pobres pequenos outros incidentes, proprios da pittoresca bohemia das ruas. Mas o fatal era não terem apurado 5 réis, nem saciado a fome que os devorava, fazendo lhes arder as fontes, os olhos e o estomago.

Qualquer empurrão dos transeuntes os prostrava no solo, pela extrema fraqueza em que iam. Foi n'uma d'estas quedas que viram luzir o que quer que fosse, e logo as suas mãosinhas descarnadas poisaram rapidamente sobre o objecto brilhante.

Era meia libra.

A pequena fechou-a a toda a pressa na mão, afastando-se rapidamente e arrastando o irmão. N'outra rua e proximo d'um candieiro municipal, examinou longamente a moeda.

— Isto é ouro, agora quanto vale não sei. Só a tia Joanna é que hade saber. Oh! como ella vae ficar contentel!

E dando um abraço no irmão, accrescentou:

— E nós vamos ter boa ceia.

Depois puzeram se a caminho de Alfama, para casa.

A Maria puxou um cordel que pendia da porta e abriu. Foi direita à cama da velha, sacudido esta. A tia Joanna acordou, praguejou como um carroceiro, mas ao attentar no rosto jovial da pequena, recuperou logo a sua presença d'espírito.

— Então que me queres, minha abantes-ma?

Era esta carinhosa expressão um signal de grande benevolencia da megera.

— O que me da se eu lhe entregar uma cousa? disse a pequena.

— Hã?

— Achei uma cousa muito rica, mas é preciso que vocemecê nos dê uma ceia de noite de gallo e mais um fatinho usado a cada um d'nós.

A tia Joanna abria muito as olhos.

— Está dito, respondeu.

Então a Maria abriu a mão e mostrou a meia libra. A tia Joanna estendeu o braço encarquilhado, com uma agilidade extraordinaria, e agarrou a moeda d'ouro. Em seguida levantou-se e saiu com os pequenos à mercearia. Poucos momentos depois voltava carregada com uma botija de genebra, garrafas de vinho, ovos, chouriço, queijo, pão, salada, linguado, fructas secas e carvão. No fim de meia hora, todos tres estavam a mesa, devorando como canibaes.

A tia Joanna, como todas as pessoas edosas, gostava de bebidas brancas, pelo calor e ephemera animação que sentia no sangue. Depois de se banquetear à larga, principiou a beber calice sobre calice da terrivel Focking, a ponto de se embebedar seriamente.

No dia seguinte, ao meio dia, quando as creanças, que se tinham ido enroscar no seu canto, um pouco tontas, acordaram, viram um espectáculo medonho.

A tia Joanna tinha caído da cadeira. Ao seu lado, no sítio terreo, estava a botija partida, o que denotava ter ella baqueado no campo da batalha com as armas na mão.

Estava morta.

Aos gritos das creanças acudiu a vizinhança, que se expendeu em commentarios formidaveis, ao espectáculo sardanapalesco que se lhe deparava. Para logo suppuzeram que havia dinheiro em casa e as creanças foram postas na rua, para poderem esquiadrinhar todos os cantos à vontade.

Os infelizes ficavam novamente orphãos.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica



O JEJADOR MERLATII

bella e doce como as santas que elles viam pelas igrejas, toda envolta n'uma onda de gaze, com uma *aigrette* de brilhantes na cabeça. Deslumbrados por esta vaporosa creatura, ficaram de tal modo extaticos, que ninguem deu por elles a um canto do portão.

Mas a dama não vinha só. Atraz d'ella saltou uma velha horriavelmente feia e pretenciosa, cujo bigode, trouxe logo à memoria dos pequenos a famosa tia Joanna. Este aguilhão mnemonico despertou-lhes o instincto de petição, e como lhes parecesse a que gente tão rica, não lhe custaria nada dar uma esmola, ergueram as mãos para a senhora edosa.

Como ella não desse por elles, toda preocupada em erguer a *traine* do seu vestido de seda, as creanças puxaram-lhe timidamente pelo vestido. A dama, surprehendida, olhou, e ao dar com os garotitos voltou-se rapidamente para o guarda portão e disse-lhe aceradamente, como só uma velha sabe dizer:

— E' assim que você guarda a porta?

O agigantado ex-porta-machado que estava do lado opposto,